

Uma história que o descaso quer apagar

Fotos: Manu Dias



Marco de fundação da cidade, o painel em azulejos instalado na Barra em 1949 está danificado

INDIFERENÇA
Marcos da cidade
sob ameaça
ante o abandono
do poder público

ADILSON FONSÊCA

A placa em mármore, afixada na parede lateral da Igreja de Nossa Senhora de Escada, no subúrbio ferroviário, quando ocorreu a Invasão Holandesa na Bahia, em 1638, é um dos raros marcos da história de Salvador ainda intactos. A igreja foi a primeira construção em pedra na Bahia, erguida em 1536, antes mesmo da fundação da cidade, em 29 de março de 1549. Contudo, esse monumento da própria história está ameaçado e pode desaparecer, por falta de manutenção.

Na luta desesperada para tentar salvar a igreja, a própria comunidade mobiliza-se e constrói barreiras de pedra para evitar o desmoronamento do terreno que sustenta a construção, feita em argila, tijolos de barro (adobe), pedra e madeira. Há cinco anos o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) estuda



uma forma de intervir no local. "Se não correremos contra o tempo, perderemos tudo", diz Eliana Pitangueiras, 46 anos, que há 26 trabalha na comunidade responsável pela igreja.

Ameaçada de desabar, com grandes rachaduras, a igreja, que abrigou o padre José de Anchieta, contudo, continua mantendo suas atividades com duas missas semanais, as quintas e domingos, e atendimento paroquial a 180 crianças carentes do bairro. Em meio a jazigos perpétuos, como o de José Joaquim de Brito, nascido na Enseada de Itacaranhá (bairro próximo a Escada) em 19 de março de 1802, e sepultado ao pé do altar principal da igreja, em 12 de julho de 1866, os padres, diáconos e a comunidade procuram manter esse marco, que é mais velho que o próprio monumento de fundação da Cidade do Salvador, situado numa outra enseada, a do Porto da Barra.

história (monumento)

O que deveria ser o ponto de partida na visitação turística a Salvador, o marco de fundação da cidade, construído em 1949, em memória do desembarque do português Thomé de Souza na Enseada do Porto da Barra, 454 anos atrás, está danificado pela ação de vândalos. Depois de ter sido restaurado nas comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil, o painel e o marco, que retratam a chegada dos portugueses à cidade, feitos em azulejos e pedra lioz, respectivamente, foram pichados e danificados.

Tomado por fezes, servindo de ponto de prostituição e uso de drogas, o marco de fundação da cidade tornou-se um risco para a visitação pública. "Nenhum policiamento, abandonado, desaconselhado para visitação", disse um turista mineiro, que tem um apartamento alugado na Barra. O painel traz a gravura sobre azulejo português do desembarque de Thomé de Souza, em 1549, e foi feito em Lisboa, em 1925, por Joaquim Rebuchão. O marco é um monólito em pedra lioz portuguesa, com o símbolo da coroa do Reino Português, do século XIV.

Entrada da cidade foi esquecida

Em 1919, o então governador da Bahia, Antônio Ferrão Moniz Aragão, inaugurou, em duas etapas, a Estrada General Labatut, com 13 km de extensão, ligando São Caetano a Pirajá, e, numa segunda etapa, até Valéria. Era a principal porta de entrada e saída de Salvador em direção ao interior do Estado. A antiga estrada, cujo marco de implantação ainda existe no Largo de Pirajá, foi esquecida e reduzida a um trecho de um km de buracos e lama, por onde o tráfego de veículos é quase que impossível.

Pirajá protagonizou um dos

principais momentos da história de Salvador, por ter sido a porta de entrada das tropas comandadas pelo general Pedro Labatut, na invasão da cidade para a expulsão dos portugueses, que se negavam a conceder a Independência da Bahia. O monumento alusivo à Independência, o *Pantheon*, onde estão os restos mortais do general Pedro Labatut, foi pichado e transformado em sanitário público. A cripta semi-destruída, onde estão o busto do general Labatut, e as esculturas em mármore dos viscondes de Pirajá e de Magé, viraram depósito de lixo e fezes.



Pantheon, em Pirajá, foi pichado e virou sanitário público